

2016



BOLETIM DE PETRÓLEO



I – Cenário Internacional

O cenário econômico mundial passa por ajustes em que se sobressai uma melhoria nos índices de desempenho, mesclado com o aumento do nível de incertezas e agregado ao comportamento dos mercados financeiros, tudo isso ainda refletindo a inesperada eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos.

A economia norte-americana consolida ao que parece sua recuperação econômica de forma consistente, onde indicadores corrobora essa tendência. A taxa de desemprego no país no mês de novembro ficou em 4,6%, praticamente operando no pleno emprego.

Apesar de precificado pelo mercado financeiro, o destaque ficou por conta do Federal Reserve (Fed) que elevou as taxas de juros entre 0,5% e 0,75% e sinalizou um ritmo mais acelerado de taxa para o ano de 2017, citando as promessas do governo de Trump para impulsionar a economia por cortes de impostos, gastos e desregulamentação. A política pode trazer pressões inflacionárias, o que favorece o movimento de alta de juros.

Na Europa a derrota do governo no referendo na Itália reforçou a posição dos contrários a União Europeia, e após o Brexit. Diante da persistência da inflação muito baixa, O Banco Central Europeu (BCE) manteve as taxas de juros próximas de zero e anunciou a extensão de seu programa de aquisição de ativos até dezembro de 2017. Na zona do euro a taxa de desemprego, registrou no mês de outubro 9,8%, abaixo de 10% pela primeira vez desde abril de 2011 (9,9%). A disparidade do indicador entre os 19 países que compõem a região continuam fortes, onde a menor taxa de desemprego é da Alemanha (4,1%) e mais elevadas foram registradas na Espanha (19,2%) e na Grécia (23,4%, em agosto).

A China tem mantido um crescimento estável em torno de 6,5%, mas indicando uma transição no sentido de um menor peso da indústria e investimentos, migrando para o setor de serviços. A taxa de desemprego chinesa é de 4,04%, apesar dos números passados pelas autoridades chinesas não possam ser confiáveis.

No Brasil, a crise segue ainda aguda, com perspectivas de uma retomada de crescimento só em 2018, apesar de o governo ter enviado ao Congresso a PEC do Teto, já aprovada pelo Congresso, que estabeleceu teto para os gastos públicos que devem ficar vinculado à inflação do ano anterior por um período de 20 anos e a reforma da Previdência, para tentar acelerar a retomada da ascensão da economia. Os dados econômicos mostram um péssimo desempenho dos seus indicadores, bastante impactado pelas incertezas políticas. O que é comprovado pelo aumento persistente da taxa de desemprego que no terceiro trimestre deste ano que registrou 11,8%, ante 11,6% no trimestre anterior e 8,9% no mesmo período em 2015.

Os dados chamam a atenção, pois historicamente o mês de outubro é um mês em que o mercado de trabalho começa a reagir, com aumento da contratação para vagas temporárias, o que não foi observado neste ano.

Choques de natureza política no mundo têm impactado de forma negativa os países aumentando as tensões em todas as esferas em especial na econômica.

II - Preços

Os preços do petróleo registraram no mês de novembro um valor mínimo de US\$ 44,72, máximo de US\$ 50,47 e média de US\$ 47,11, representando um decréscimo de 9% em relação ao mês de outubro.

O Departamento de Energia dos EUA (DoE) informou que os estoques norte-americanos de petróleo bruto tiveram baixa de 2,6 milhões de barris na semana encerrada em 09 de dezembro, para 483,2 milhões de barris. Tal queda foi acima da previsão de analistas de mercado, que indicava uma redução de 1,7 milhões. A expectativa da Agência Internacional de Energia (EIA) é que o preço do barril de petróleo feche em US\$ 43 em 2016 e US\$ 52 para 2017.

A oferta da *commodity* se mantém alta, mas com expectativa de desaceleração devido ao anúncio de corte de produção da OPEP, aderido também por países não pertencentes a este grupo, tal como a Rússia. Este posicionamento trás um parecer favorável quanto à recuperação dos preços do barril de petróleo. A melhoria do cenário econômico mundial indica que a demanda deve voltar a crescer, levando as variáveis macroeconômicas a um ponto de equilíbrio.

O gráfico 1, mostra a queda acentuada no preço do barril de petróleo, a partir do segundo semestre de 2014. No mês de fevereiro de 2016, atingiu o preço mínimo de US\$ 28,82, e apesar das oscilações seguintes, demonstra uma tendência de melhora.

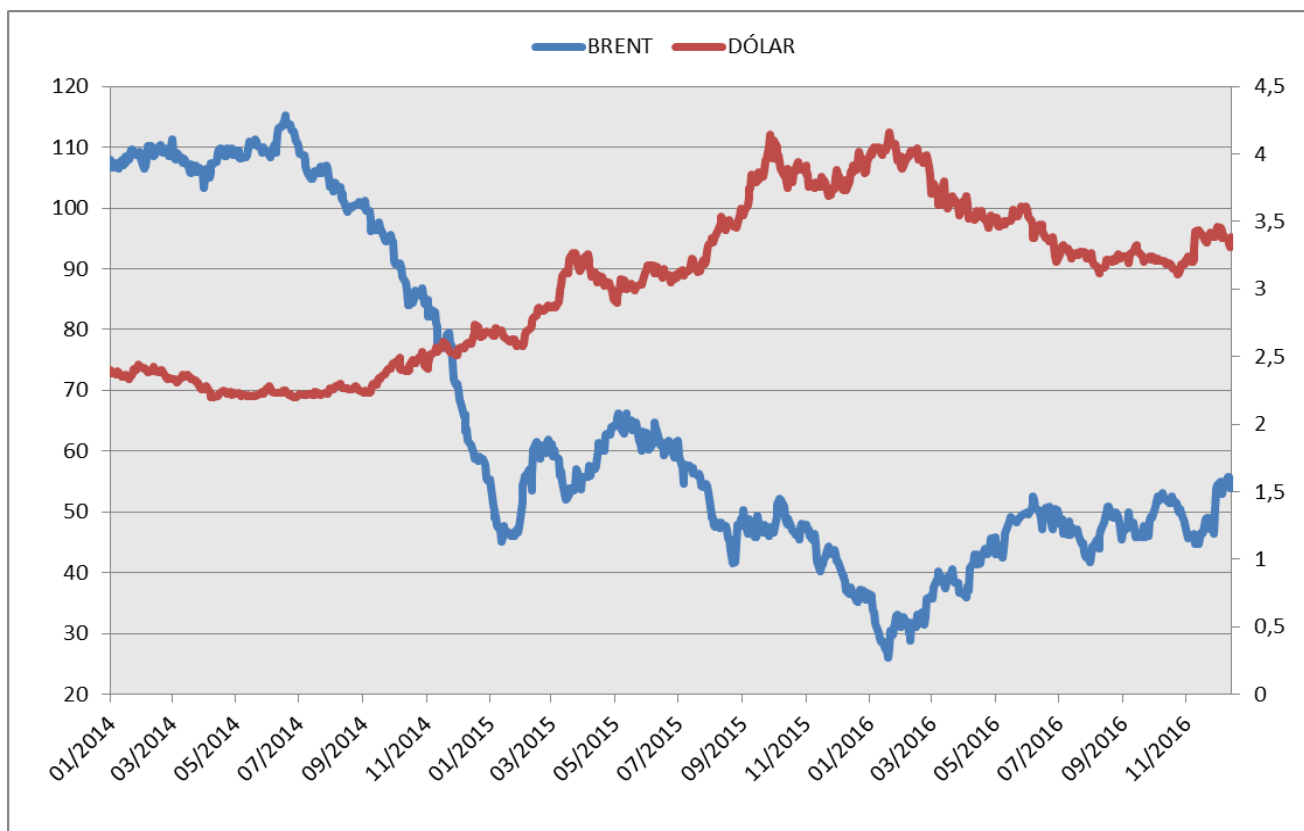
O gráfico 2, mostra o cálculo da correlação entre as variáveis, preço do petróleo e taxa do câmbio, mostrando uma negatividade de 0,90 entre janeiro de 2014 e dezembro de 2016, podendo ser considerada uma correlação muito forte. A tendência de valorização do dólar após a vitória do Donald Trump à presidência dos EUA pode prejudicar a recuperação do preço de petróleo. Segundo o Boletim Focus, de 09 de dezembro de 2016, a expectativa para 2016 é que o câmbio encerre cotado em R\$ 3,39. Há 4 semanas a expectativa era de R\$ 3,22.

Gráfico 1: Preço do Brent



Fonte: GOP

Gráfico 2: Brent X Dólar



Fonte: GOP/Bacen

III - Demanda

Segundo dados da OPEP, a demanda global para 2016 deve crescer 1,24 milhão de barris por dia (mb/d) em relação a 2015, resultado este 0,01 mb/d superior à estimativa anterior, com consumo total médio de 94,41 mb/d.

Ao contrário da OPEP, para a EIA, a expectativa de demanda por petróleo em 2016 aumentou em relação à previsão do relatório anterior. Para 2016 espera-se crescimento de 1,4 mb/d em relação a 2015. Para 2017, a expectativa da demanda deve ser maior: 1,6 milhão de barris em relação a 2016.

Apesar da China e Índia apresentarem em novembro um ligeiro decréscimo industrial em relação ao mês anterior, tais economias ainda são apontadas, pela EIA, como as principais responsáveis pelo aumento da demanda internacional.

Ambas as agências esperam aumento de demanda, ainda que gradativa, nos anos de 2016 e 2017, o que pode dar mais equilíbrio ao mercado, reduzindo o excesso de oferta global e recuperando assim seu preço.

IV – Oferta

A EIA projetou um ajuste a menor da produção de petróleo no ano corrente em comparação ao relatório anterior. Para 2016 a projeção teve elevação de 0,7 milhão de barris por dia. Em 2017, segundo a agência, a projeção reduziria: 0,4 mb/d. No relatório anterior as projeções eram de 0,12 mb/d e 0,42 mb/d. em 2016 e 2017, respectivamente.

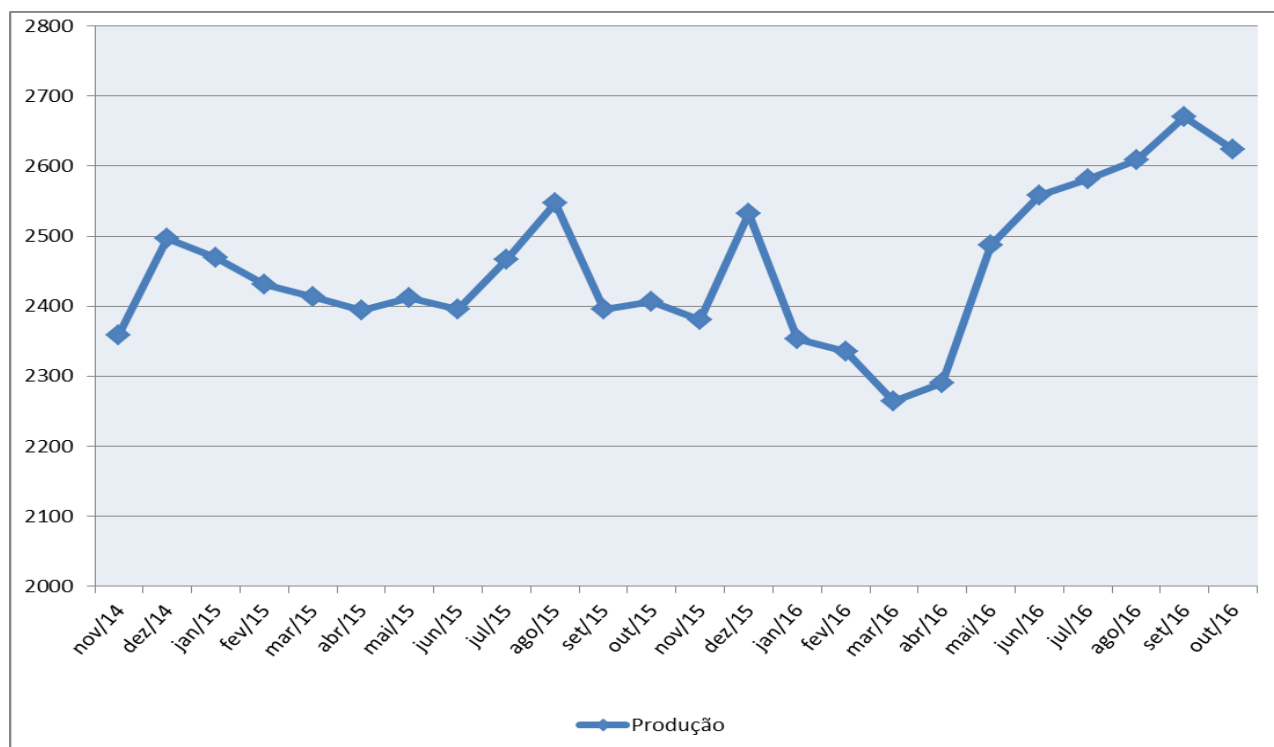
Para a OPEP, os países não integrantes de seu bloco terão um declínio de produção de 0,78 milhão de barris em 2016, conforme demonstrado no relatório passado. Já nos países pertencentes a OPEP, estima-se uma produção média de 33,87 mb/d em 2016, 0,15 mb/d maior do que no mês anterior. Em relação a 2017, espera-se produção de 32,5 mb/d (queda de 1,37 mb/d) previsto no acordo de corte de produção estabelecido entre a OPEP e os grandes produtores, tais como a Rússia.

As agências não demonstram um direcionamento uniforme em suas projeções. Enquanto a AIE prevê aumento da produção de petróleo no mundo, a OPEP projeta redução. Este declínio, para a OPEP, seria causado pelos países que não fazem parte de bloco, em especial EUA.

V – Brasil

Segundo a Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção de petróleo no mês de outubro foi de 2.624 Mbbl/d (mil barris por dia), configurando uma redução de 1,8% em relação ao mês anterior, mantendo tendência de elevação até o mês de setembro, e um leve decréscimo no mês de outubro, conforme demonstrado no gráfico 3.

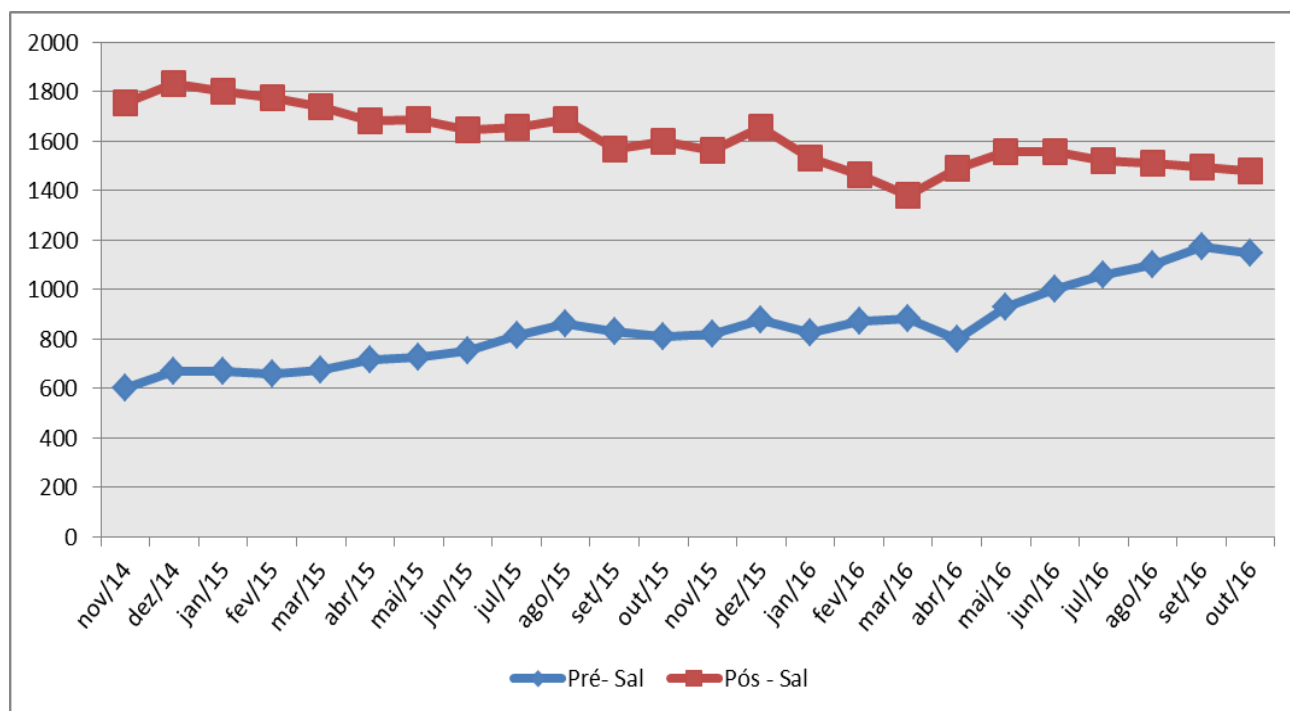
Gráfico 3: Histórico de produção de petróleo



Fonte: ANP/GOP

O campo de Lula, na Bacia de Santos, foi o que mais produziu petróleo no mês em análise: média de 629,5 mil barris por dia, representando 24% da produção nacional. Entretanto, comparado ao mês anterior apresentou queda de 10 Mbbl/d. No pré-sal foi registrado uma produção de petróleo de 1.145,3 mil barris, de um total de 66 poços, representando 2,7% de redução em relação ao mês anterior, conforme pode ser verificado no gráfico 4.

Gráfico 4: Evolução da produção do Pré-Sal e Pós-Sal



Fonte: GOP

No mês em análise, observa-se que a produção pré-sal está ascendendo, enquanto o pós-sal encontra-se em decréscimo. O gráfico acima mostra que em médio prazo há uma tendência que a produção do pré-sal ultrapasse a produção do pós-sal, não havendo, necessariamente, uma redução na produção total, pois o ganho de um compensa a perda do outro.

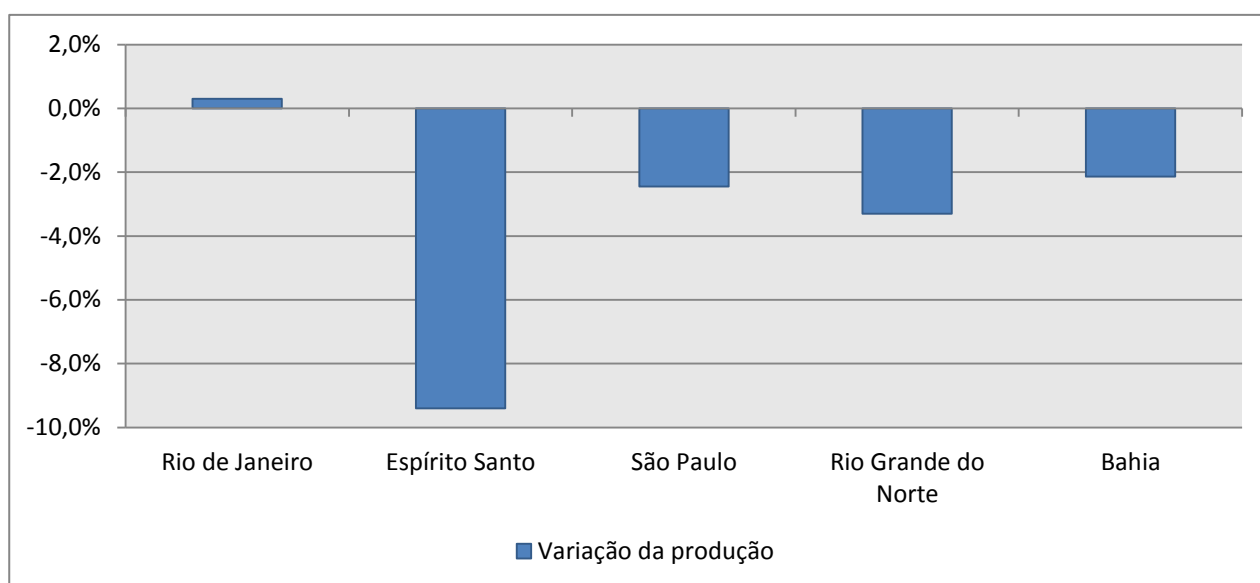
Segundo a ANP, a produção do Rio de Janeiro, responsável por 68% da produção nacional, aumentou sua produção em 1,42% em relação ao mês anterior. Os campos que contribuíram para este aumento foram o Marlim e o Marlim Sul.

A principal razão para a queda da produção nacional, citada anteriormente, está atrelado ao decréscimo produtivo por parte do Estado do Espírito Santo, que obteve uma redução de 39.119 Mbbl/d comparado ao mês anterior, conforme demonstrado no gráfico 5. O campo com maior déficit de produção foi o Jubarte, situado no Espírito Santo.

Tabela 1: Distribuição da Produção por Estado

Estado	Setembro	Outubro	Variação Mbbl/d	Número de Campos Produtores
Rio de Janeiro	1.785.809	1.791.254	5.445	43
Espírito Santo	416.322	377.203	(39.119)	45
São Paulo	316.251	308.504	(7.747)	5
Rio Grande do Norte	54.943	53.129	(1.814)	77
Bahia	36.381	35.603	(778)	75

Fonte: GOP/ANP

Gráfico 5: Variação da produção – Principais produtores estaduais

Fonte: GOP

A bacia de Campos, localizada na costa do Rio de Janeiro e Espírito Santo, e a bacia de Santos, no Rio de Janeiro e São Paulo, representam cerca de 93% da produção nacional, o que comprova uma extrema concentração da capacidade produtiva nestes três estados, com destaque para o Rio de Janeiro. Tal afirmação pode ser observada na tabela 2.

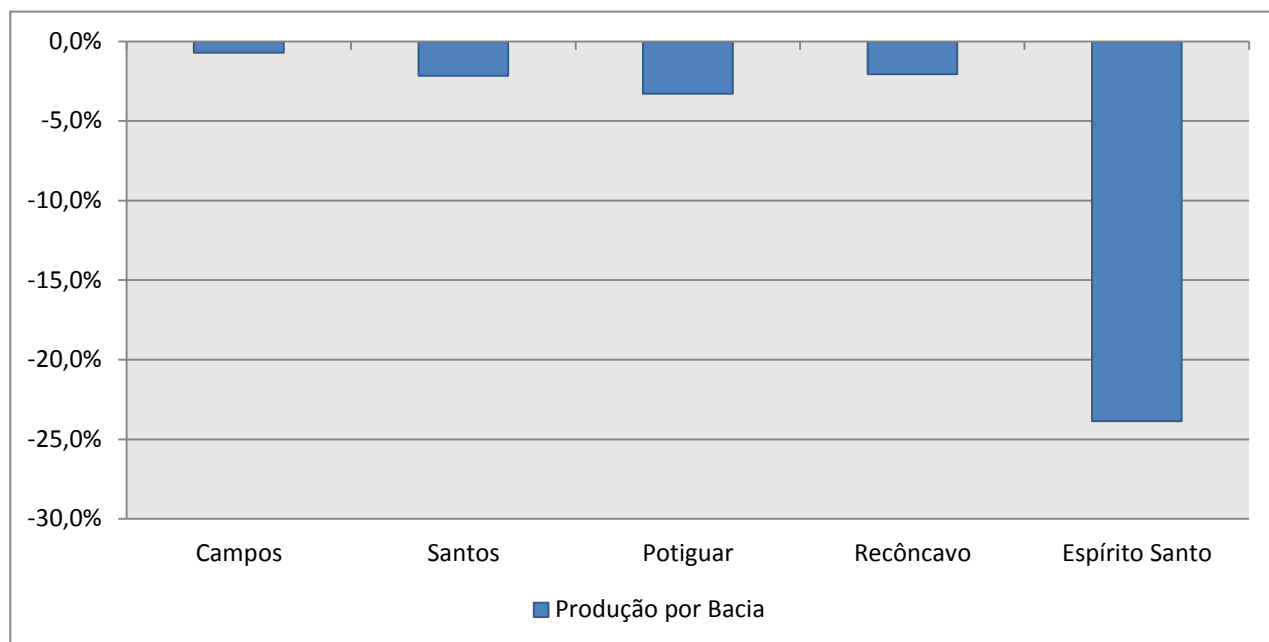
Como é possível observar, no gráfico 6 todas as bacias possuem recuo de produção, tendo como maior destaque a Bacia do Espírito Santo que obteve uma retração em torno de 23%.

Tabela 2: Distribuição da Produção por Bacia

BACIA	Nº CAMPOS PRODUTORES	PRODUÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Campos	46	1.486.274,00	Rio de Janeiro/Espírito Santo
Santos	9	960.420,00	Rio de Janeiro/São Paulo
Potiguar	79	54.491,00	Rio Grande do Norte
Recôncavo	72	35.288,00	Bahia
Espírito Santo	38	30.268,00	Espírito Santo/Bahia

Fonte: GOP

Gráfico 6: Variação de produção das principais bacias



Fonte: GOP